

A LITERATURA, AS ARTES E A CULTURA NA SEGUNDA GRANDE GUERRAⁱ

BENEDITO JOSÉ DE ARAÚJO VEIGA

Resumo:

Jorge Amado, entre outubro de 1942 a dezembro de 1944, assume a coluna Hora da Guerra, em O Imparcial, de Salvador - Bahia, onde deixa parte do seu papel de jornalista na Segunda Guerra Mundial. Neste momento do exercício de membro do Partido Comunista e de cidadão brasileiro, o cronista não esquece a literatura e procura prestigiar aqueles, em todos os países e tendências, que deixaram de lado, momentaneamente, a sua profissão de ficcionistas e partiram para os campos de batalha, na função de informantes privilegiados dos acontecimentos. Diversas crônicas são reservadas para tratar deste assunto, desde o escritor norte-americano Quentin Reynolds até o soviético Ilya Erenburg. Os correspondentes de guerra são ainda recordados, como exemplo Michael Gold, John Steinbeck, Erskine Cladwell, e outros.

Palavras-chave: Jorge Amado, Hora da Guerra, Escritores e a Guerra.

1 Introdução

De 23 de dezembro de 1942 a 15 de outubro de 1944, o escritor Jorge Amado atua também como jornalista de *O Imparcial*, de Salvador - Bahia, sendo responsável pela coluna *Hora da Guerra*, que circula por quatrocentos e sessenta e cinco dias, deixando registrada parte do seu envolvimento na Segunda Guerra Mundial, inclusive com o seu contexto, e os aspectos artísticos e culturais.

São numerosas os textos amadianos que tratam dos vínculos da cultura e da arte com os princípios e liberdades humanas, aproximadamente, pouco mais de 1/5 dos apresentados. Dentro dos diversos tipos de abordagem quatro são mostrados damos destaque às peças sobre cultura e arte, discussão de sua natureza, modalidades e recepção,

A intenção primeira é mostrar os liames da criação artística e a guerra, tratando-se de um momento em que as formas de existência são errônea e egoisticamente negadas pelo nazifascismo, dando este prevalência, apenas, a um determinado grupo social ou nacional. Eis como Amado incita a todos, em especial, artistas e escritores da Bahia, em “A Poesia também é uma Arma”:

E concito, em nome da dignidade da Inteligência, ultrajada por Hitler e por seus cúmplices, os demais artistas e escritores da Bahia a formarem nela. Leal e francamente, estendo minha mão a todos os demais escritores. De parte todas as diferenças de ordem estética. Lado a lado, acadêmicos e modernos, católicos e livre-pensadores, escritores da “arte pela arte” e escritores da arte social. Para provarmos ao nazismo que a poesia é realmente uma arma do povo, da liberdade e da pátria. (AMADO. *Hora da Guerra*: 31 dez. 1942).

É um tempo em que toda a criação humana se encontra comprometida, sem delimitações precisas de onde acaba o cidadão e começa o artista.

Foram selecionados seis autores dos mais citados e algumas crônicas para breves

comentários como uma amostra da preocupação de Amado com o acontecimento presente e imediato da Segunda Guerra Mundial e o das manifestações culturais e artísticas como permanência, seja das denúncias, das incertezas, ou das realizações.

2 Os Escritores Estrangeiros

Com "Um Livro e um Exemplo", Amado mostra Ilya Erenburg um dos seus romancistas preferidos, um intelectual lúcido e consciente do seu duplo papel, o de cidadão e o de artista. Seu último romance, *A Queda de Paris*, conquistou, no ano passado, o maior prêmio literário da União Soviética:

Esse não é, no entanto, um romance sobre a guerra na frente Leste, sobre os guerrilheiros ou sobre Stalingrado. É um romance de guerra, mas dos dias que a precederam, é a narração de como a França foi entregue. E sua densidade dramática só é ultrapassada pela força humana que o atravessa como um vendaval de poesia. Temos no novo livro de Erenburg um dos maiores romances contemporâneos, só comparável, na sua obra de ficção, ao "Segundo Dia da Criação", talvez seu romance máximo. (AMADO. *Hora da Guerra*: 29 abr. 1943). A admiração do cronista pelo escritor ucraniano é visível. É um escritor maduro que deixou suas ocupações e foi ver a guerra de perto; suas obras, calcadas no realismo socialista, do imediatismo local, traz o que de melhor pode para seus leitores, assinando artigos com extrema honestidade e visão:

Singular destino o deste escritor, deste inquieto e poderoso Erenburg. Viu ele duas guerras mundiais, sobre duas guerras mundiais escreveu romances. Vale a pena notar a maneira como ele encara essas guerras nos romances que nasceram delas. Da guerra de 1914 surgiu o livro que lhe deu fama no mundo inteiro: "As Aventuras de Júlio Jurenito", sátira ferina e mordaz contra a guerra, gargalhada algo melancólica que o então anarquista lançava sobre o mundo em chamas. Aquela guerra só mereceu de Erenburg ironia e triste desprezo. Dela, retirou ele para sua obra de criação apenas uma sátira admirável, onde o drama do homem era ridicularizado pelo escritor enojado de tudo. (AMADO. *Hora da Guerra*: 29 abr. 1943).

Sabedor das tramas belicosas e presente no território gaulês nos instantes traumáticos que culminaram com a entrega desavergonhada da França às tropas de Adolf Hitler, o narrador emprega com vigor seus recursos literários e constata que o início da mudança que assaltará o seu patrimônio nacional, inclusive o artístico:

Hoje é repórter na frente e quase diariamente lemos seus artigos nos jornais, distribuídos pelas agências telegráficas. Repórter ágil, escritor de estilo apaixonado, lúcido como poucos, é um dos mais completos comentaristas desta guerra. (AMADO. *Hora da Guerra*: 29 abr. 1943).

Mais uma vez, Amado emprega suas crônicas para desancar e desmascarar as

traições de Philippe Pétain:

Com que paixão aquele general velho, que não é outro senão o decrepito Pétain, odeia o povo, tem nojo dele, tem horror à sua visão! Todo o panorama de um país está neste livro último do grande romancista. Nele aprendemos uma dolorosa lição. De como age a quinta-coluna, de quão profundas são as suas raízes, de quanta baixeza lança mão. No entanto, este não é um livro pessimista. Porque ao lado dessas degradantes figuras, surge um Pierre, engenheiro moço e digno, uma Denise buscando seu caminho, um Michaud, que é o mais justo símbolo do povo francês. Vemos que há uma força que salvará a França, a força do patriotismo e da dignidade do povo. (AMADO. *Hora da Guerra*: 29 abr. 1943).

Amado escreve sobre esse escritor, tão apreciado por seu estilo de um realismo direto, cerca de quinze crônicas, abordando aspectos da sua vida dedicada ao socialismo e à sua obra tão marcante num momento raro para as forças armadas soviéticas.

O cronista não esquece de passar sempre as ideias da próxima libertação francesa, todos os intelectuais unidos, como Erenburg, pela vitória contra o nazifascismo:

Uma lição e um exemplo. Um exemplo para os intelectuais. Temos aí um dos maiores romancistas vivos do mundo largando seu cômodo gabinete de trabalho para viver a frente da guerra, ir buscar lá o material com que construir seus livros imortais. Vivendo no seu tempo o drama da sua gente e da sua terra. Inspirando-se na realidade trágica para nos dá as imorredouras figuras dos seus romances. E, – o que também é muito importante, enquanto não chega o momento de compor a obra eterna da criação, não se envergonha ele de escrever reportagens, crônicas e artigos, porque o dever do escritor é lutar ao lado do povo nessa guerra sagrada pela independência das pátrias. O dever do escritor é colocar também a sua arte a serviço da liberdade contra a opressão. Assim o faz Ilya Erenburg! (AMADO. *Hora da Guerra*: 29 abr. 1943).

Em seguida, entre os exemplos de escritores selecionados, vem Erskine Cladwell, autor rebelde norte-americano e correspondente de guerra na União Soviética, durante o segundo conflito mundial. Sua obra é tratada por Amado em seis crônicas, sendo duas dedicadas inteiramente ao escritor e a sua obra.

Trata-se de um narrador dentro dos moldes bem amadianos: retratou a pobreza excluída e foi, algumas vezes, acusado de comunista.

A primeira das crônicas mostra dados da vida pessoal e literária do Cladwell:

Entre os romancistas modernos norte-americanos esse inquieto escritor se salienta pela força do seu realismo, pela intensidade dramática das vidas pobres que narra, dramaticidade cortada por certo humor amargo que eu diria panfletário. Esse não é um romancista de jardins bem cuidados à maneira dos Maurois decadentes. Não é um romancista “sorriso da sociedade”. É um romancista de gente pobre, cujos problemas são de

dinheiro e fome, de dificuldades imediatas. Não se perde ele nos devaneios que enchem as horas dos bem alimentados Zweigs de todo o mundo. (AMADO. *Hora da Guerra*: 19 ago. 1943).

Amado não deixa escapar: aproveita a oportunidade para criticar certos hábitos pequeno-burgueses, arraigados entre alguns escritores da época, também referidos em textos, separando a vida da obra literária, como: André Maurois, pelo desprezo mostrado pela vida ameaçada pelo nazifascismo:

A guerra estava sobre eles, a escravidão, a perda de todos os bens, da liberdade inclusive, e eles se contentavam com dar de ombros. O próprio Maurois conta que, comentando com sua esposa os acontecimentos europeus, perguntou-lhe ela o que deviam fazer. E ele, apontando as flores do jardim da casa onde conversavam respondeu docemente:

– Cultivar o nosso jardim.

Hoje, no jardim de André Maurois, tímido e secundário escritor de fáceis biografias, sentam-se os soldados nazistas da Alemanha e as flores, antes cultivadas pelas mãos finas do industrial transformado em bel-letrista, já não existem, há muito que foram calcadas sob as botas hitleristas. (AMADO. *Hora da Guerra*: 19 maio 1943).

E Stefan Zweig, expulso do Terceiro *Reich*, como outros artistas, por ter ascendência judaica, é recebido como refugiado político no Brasil, depois de instalado comete suicídio:

Thomas Mann foi expulso da Alemanha e das Universidades. E, com ele Henrich Mann, seu irmão, dos mais lidos romancistas de hoje. Remarque, Ludwig, Zweig, que depois iria se matar, legiões de poetas, sábios e artistas, que não queriam baixar a desgraça de apoiar as ideias nazistas, tiveram que fugir da Alemanha e dos países ocupados. (AMADO. *Hora da Guerra*: 31 dez. 1942).

São os desencontros humanos numa guerra.

Mas, Amado prossegue mostrando a vida destemida deste escritor:

Homem de menos de 40 anos, pois nasceu em 1905, na Geórgia, Erskine Cladwell é diretor de um dos maiores jornais nova-iorquinos, o célebre P. M. (“Post-Meridian”), hoje o mais popular dos vespertinos que se publicam na grande cidade. Para conservar a completa independência do seu jornal, Cladwell não aceita para ele anúncio algum. É o único jornal norte-americano em que não se publica anúncios e isso lhe garante uma absoluta isenção de ânimo ante os acontecimentos. (AMADO. *Hora da Guerra*: 19 ago. 1943).

De qualquer maneira, com a fuga do esquema do capitalismo ferrenho, em voga nos EUA.

Amado termina seu texto por fazer aproximações das obras de Cladwell das de outros escritores, seus favoritos, destacando a sua importância entre os mais novos:

[...] Sendo um dos líderes da última geração de romancistas norte-americanos, aquela que continuou a experiência de John dos Passos, de Dreiser, de Michell Gold, de William Faulkner, de Upton Sinclair, de Sinclair Lewis, os reformadores da técnica do romance americano, geração que levou essa experiência a uma humanização total, Cladwell se coloca ao lado de John Steinbeck e de Richard Wright (o extraordinário romancista negro) como um dos três maiores nomes da jovem literatura de ficção que cresce na grande pátria do norte. (AMADO. *Hora da Guerra*: 19 ago. 1943).

Na segunda crônica, o escritor faz o enfoque principal em *Guerrilheiros Russos*, que acaba de ser traduzido no Brasil pela Edição "Dois Mundos":

O romance de Erskine Cladwell sobre os guerrilheiros soviéticos não os joga de súbito, num clima de incomparável grandeza humana. Vemos aí, como um grande mural, as cenas mais terríveis e as mais belas. Vemos o máximo de baixa humana na descrição dos assassinatos e das violências cometidas pelos nazistas e vemos o máximo da grandeza do homem na coragem indômita na fé inquebrantável, na decisão que leva à vitória dos guerrilheiros que não se abatem jamais, não se entregam, não se rendem. Esse livro de tanta realidade palpitando tem certo tom de poema épico, que o coloca à altura de uma obra prima. É vida vivendo, é o drama rasgando a carne dos homens, mas incapaz de abater os corações dos patriotas. (AMADO. *Hora da Guerra*: 20 ago. 1943).

Amado serve-se da divulgação da narrativa para expor muitos pensamentos seus, já várias vezes repetidos na *Hora da Guerra*:

Há uma cena que ficará para sempre entre as grandes do romance moderno: a do enforcamento de Vladimir, herói de doze anos, que os nazistas sacrificam ante a multidão desarmada, impossibilitada de reagir. Cladwell [sic] consegue realizar, numa sobriedade que afasta todos os fáceis “trucs” literários, um milagre de emoção, dessa emoção que nos leva ao ódio e à revolta, fecunda emoção. Aliás, o livro está cheio dessas cenas de nazistas violando lares, desonrando mulheres, matando indefesas populações, cometendo todas as espécies de crimes. Porque esta é a realidade dos países invadidos pela horda bestial dos nazifascistas, realidade que o romancista fixou com enorme poder de criação, no seu livro. São figuras de suprema imundície, essas dos nazistas, retratados ao natural, sem intenções de caricatura, nem excessos inúteis. O romancista nunca se afasta de uma sobriedade que dá ainda mais verdade a todo horror nazista que atravessa o livro. (AMADO. *Hora da Guerra*: 20 ago.

1943).

O cronista faz a ligação da obra com a dos clássicos soviéticos Fiódor Dostoiévski, Léon Tolstoi e Máximo Gorki , aproximando força de estilo de verossimilhança do descrito:

E, ao lado desses miseráveis, crescem ainda mais as figuras heroicas dos guerrilheiros. Do velho Pavlenko, o brigadeiro das guerrilhas, a Vladimir, criança que se faz herói na luta, passando por Sérgio e Natacha (que nos recordam as grandes figuras do romance russo, de um Gorki, de um Tolstoi, de um Dostoiewsky), há nesses camponeses, que tomam das armas improvisadas para defender sua terra contra os invasores, uma fé que remove montanhas e que nos dá a certeza de que jamais poderão os fascistas dominar o mundo. (AMADO. *Hora da Guerra*: 20 ago. 1943).

Ao enaltecer a propriedade da tradução, o escritor não esquece de afirmar a enorme contribuição que Cladwell empresta à causa da derrocada do nazifascismo.

Após, vem John Steinbeck, autor americano de origem humilde que retrata alguns tipos vivenciados em sua juventude. O escritor oferece nove crônicas com referência a sua obra. Com relação aos outros dois, foi também correspondente de guerra.

Em “Noite sem Lua”, nome proveniente de *The Moon is Down*, de 1942, com tradução para o português de Monteiro Lobato,

A queda da França deu a Erenburg material para um romance notável: “A Queda de Paris”. Os guerrilheiros russos serviram o Erskine Caldwell para uma novela onde a poesia se confunde com o drama. A invasão de uma pequena cidade é o tema deste romance de guerra de John Steinbeck: “Noite sem lua”, que Monteiro Lobato vem de traduzir para o português. Nesses três romances, nascidos da guerra atual, existe uma coisa que os liga, que lhes dá certo parentesco: a certeza de que a opressão e a barbárie não triunfarão sobre a liberdade. (AMADO. *Hora da Guerra*: 21 nov. 1943).

Apesar da proximidade da Segunda Guerra Mundial, a obra de Steinbeck não se passa em um local definido, o que não lhe retira uma forma de denúncia:

[...] A crítica acusava o romancista de haver feito doces demais as figuras dos invasores. Mas creio que isso veio dar uma realidade ainda mais densa e mais profunda ao romance. Steinbeck desejou mostrar que o nazismo (a brutalidade, o assassinio, a opressão) não são inerentes ao ser humano, ao homem. São como uma capa que eles vestiram e que os obriga a agir de determinada maneira. (AMADO. *Hora da Guerra*: 21 nov. 1943).

O cronista ressalta Steinbeck por estar cumprindo com seu papel de cidadão e de

escritor. Em tempo de guerra não se pode esquecer que todas as demarcações de fronteiras se encontram alteradas em seus limites:

Ao lado desse triste grupo se ergue a humanidade da pequena cidade invadida. Uma gente igual a de todas as cidades pequenas, mas que se agiganta, que cresce em heroísmo, que, sem armas e sem recursos, lutam vitoriosamente contra os nazistas. Entre essa gente avultam as figuras de Annie e de Molly, criações que recordam as mais poderosas do grande romancista norte-americano. Há no livro momento de surpreendente beleza, como toda a cena final, dominada pela lembrança da acusação de Sócrates aos seus juízes. Também a cena entre Molly e o tenente Tonder, como romancista ou como repórter, John Steinbeck está cumprindo seu dever, num exemplo aos intelectuais que ainda não tomaram conhecimento da guerra. (AMADO. *Hora da Guerra*: 21 nov. 1943).

3 Escritores Nacionais

Monteiro Lobato, escritor brasileiro de grande repercussão, sobretudo, na literatura infantil. Foi também tradutor e editor dos primeiros no País. Amado lhe faz referência em quatro crônicas, sendo uma especialmente dedicada ao autor e, em especial, ao vigésimo quinto aniversário de "Urupês", como escreve em "Festa de um Livro":

O Brasil intelectual está comemorando o vigésimo quinto aniversário de "Urupês", o primeiro e o mais célebre dos livros de Monteiro Lobato. o grande escritor paulista. As comemorações que estão sendo realizadas no Rio em São Paulo não se dirigem exclusivamente no volume de contos que situou seu autor entre os contistas mais notáveis da América Latina ("el maestro", dizem de Lobato os contistas hispano-americanos) e da língua portuguesa em todos os tempos, com a obra de ficcionista, de ensaísta, de homem público que se seguiu aparecimento "Urupês". E não sei de festa intelectual mais justa que esta agora realizada para Monteiro Lobato. (AMADO. *Hora da Guerra*: 16 set. 1943).

Por suas posições marcadamente nacionalistas, conseguiu adversários e descontentamentos, como a campanha da nacionalização do petróleo. "Urupês" reúne contos publicados, no melhor molde de elaboração, o que lhe granjeou a apelido de "el maestro".

O cronista relembra fatos significativos da sua vida de "homem de letras" e também um observador e pesquisador da linguagem e dos costumes, no interior paulista, cenário de grande parte de seus contos. Em muitos aspectos é pioneiro:

É o grande contista, renovador do gênero, homem que acostumou o público a ler livros de contos (o público brasileiro sempre preferiu ler contos em revistas e jornais que colecionados em volumes), que pesquisou, numa elogiável compreensão do problema lingüístico brasileiro, a língua popular do interior paulista (cenário da maioria dos seus contos), o criador imortal do Jeca Tatu, o artista interessado nos problemas sociais que escreveu aquela página inesquecível que é "Negrinha". É, além disso, o verdadeiro iniciador da nossa literatura infantil, daquela que não é pedantesca nem preciosa, e seus livros contando as histórias de Dona Benta, Emília e o Marques de Rabicó,

fizeram com que o nome de Lobato fosse amado pelas crianças tanto quanto já era pelos adultos. (AMADO. *Hora da Guerra*: 16 set. 1943).

Como um dos marcos mais importantes da sua vida está a sua luta continuada pela democracia, tão ao gosto amadiano:

Junte-se a tudo isso a importância da sua obra de democrata. Lobato tem sido, através traduções, coleções que dirige, influência que exerce em editoras, o divulgador (por vezes com quanta dificuldade...) do pensamento dos grandes escritores democráticos, especialmente os de língua inglesa. Wells, Will Durant, Bertrand Russell, Van Passen, e tantos outros, historiadores, sociólogos, filósofos, repórteres, romancistas, políticos, têm servido ao pensamento brasileiro através a divulgação que dos seus livros lhes foi possibilitada por Monteiro Lobato. Democrata por temperamento, pela sua condição de escritor popular, Lobato é um símbolo da importância do intelectual na vida do país. Com seus contos ganhou a imortalidade. E com sua atuação ganhou o amor das gerações atuais. A festa de “Urupês”, marco de 25 anos de atividade intelectual e patriótica de um escritor, é uma festa de toda a inteligência brasileira. (AMADO. *Hora da Guerra*: 16 set. 1943).

O próximo citado é José Lins do Rego, segundo os críticos, um dos componentes da Segunda Geração Modernista, com o Grupo do Romance Regionalista do Nordeste, ao lado de Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos e outros.

O autor faz referências a Lins do Rego em oito crônicas, sendo uma delas, “Fogo Morto”, totalmente dedicada à sua vida literária e obras. Neste texto, o escritor baiano mostra satisfação com a obra de 1943:

Volta o romancista José Lins do Rego ao seu grande público com um livro que é um dos romances mais importantes que se publicaram em nosso País nos últimos anos: “Fogo Morto”. Mais uma história de engenhos, de açúcar, de homens do campo do nordeste, história que traz novamente o romancista ao seu assunto preferido, aquele que o celebrizou e que marcou seu lugar na literatura nacional. “Fogo Morto” é, em verdade, mais um volume do “Ciclo da Cana de Açúcar”, ciclo que José Lins do Rego dera como terminado em 1937, com a publicação de “Usina”. (AMADO. *Hora da Guerra*: 24 mar. 1944).

O cronista faz um comentário das obras do Ciclo da Cana de Açúcar, mostrando conhecimento literário sobre o que está tratando, indicando pontos de vista sobre todas as narrativas aparecidas. Aborda que a falta de outros romances do autor levou parte da crítica a considerar o grande narrador em retrocesso:

De repente, porém, José Lins do Rego põe abaixo todas essas conversas, todos esses boatos, publicando uma verdadeira obra-prima que é este “Fogo Morto”, onde retoma seus velhos temas para criar o mais popular e talvez o mais forte dos seus livros. Quando escrevo o mais forte não me esqueço de certas páginas de “Banguê”, dificilmente superáveis, ou de

algumas cenas de “Moleque Ricardo”, tão poderosas. Mas em “Fogo Morto” há uma harmonia de conjunto, um equilíbrio em todo o romance, alguma coisa que mostra o autor inteiramente dono do assunto, inteiramente à vontade, uma capacidade de comunicação com o leitor que supera tudo que José Lins do Rego escreveu até agora. (AMADO. *Hora da Guerra*: 24 mar. 1944).

Além de mostrar satisfação com "Fogo Morto", como a volta de Oswald de Andrade e José Geraldo Vieira, o cronista também registra o aparecimento de Ivan Pedro de Martins, o que já seria bem alvissareiro para 1943:

Cresce, porém, essa importância com a saída de “Fogo Morto”. Com ele retorna ao seu grande público um escritor do povo brasileiro que é também um lutador da democracia, cuja obra tem sido, toda ela, a de um antifascista, a de um homem que procura fazer do povo – como ele mesmo escreveu – o personagem mais importante dos seus romances. (AMADO. *Hora da Guerra*: 24 mar. 1944).

Como nota destoante, Amado acrescenta um *postscriptum*, onde alerta os seus leitores contra o prefácio apresentado em "Fogo Morto", que ele não sabe "bem porque": "Aconselho aos leitores que pulem as páginas sem ler o tal prefácio que é uma das coisas mais burras que o sr. Carpeaux, gênio fabricado pela ingenuidade provinciana de alguns críticos e subliteratos do Rio, já escreveu entre nós, o que é dizer muito".

Conforme sabemos, o sr. Otto Maria Carpeaux, austríaco de origem, conforme "Em Defesa da Cultura", teria pedido a censura prévia para a publicação de livros, no Brasil: "Sabe-se que a quinta-coluna cultural, encabeçada pelo insultador de Romain Rolland, o *dolffissta* Otto Maria Carpeaux vem pleiteando a censura para livros e traduções a serem lançados pelos editores brasileiros". (AMADO. *Hora da Guerra*: 2 mar. 1944).

Depois, aparece o romancista estreante Ivan Pedro de Martins, com obra recentemente lançada e, de imediato, com ameaça de ser perseguida pela censura, sob a acusação de ser imoral. Amado coloca cinco crônicas em que se preocupa com o caso, sendo uma delas totalmente ocupada com o livro e suas repercussões.

Em "Fronteira Agreste", o cronista refuta as insinuações, mostrando que idênticos critérios são também empregados pelos nazifascistas:

O livro de estreia de Ivan Pedro de Martins – o romance “Fronteira Agreste” – está provocando um grande movimento de crítica, além de uma agitação em todos os meios intelectuais do país, devido à sua apreensão. Ainda recentemente a Associação Brasileira de Escritores protestou contra o ato do sr. Ângelo Guido, cavalheiro que se aproveitou da ausência de Manuelito d’Ornelas, diretor do Deip do Rio Grande do Sul, para mandar sustar a venda – que se iniciava vitoriosa – do romance de Ivan Martins, declarando-o imoral. Essa suspensão, marcada pela teoria nazista de considerar a arte moral ou imoral, no fundo o mesmo conceito hitlerista de “arte degenerada”, veio trazer para um protesto coletivo todos os escritores brasileiros. (AMADO. *Hora da Guerra*: 28 mar. 1944).

Não é mais admissível que os mesmos métodos usados, segundo Amado, no auge do poder integralistas, quando vários escritores foram presos e tiveram suas publicações

queimadas como o próprio cronista, na década de 30 seja repetidos da mesma maneira.

A escritor aproveita a oportunidade e faz um ligeiro balanço da realização de Martins:

E em “Fronteira Agreste” o romancista está presente em todas as páginas, nas paisagens que descreve tão bem, no levantamento dos tipos tão vivos ante nós, no diálogo, na movimentação dos seus inúmeros personagens. As qualidades, as muitas qualidades, a presença constante de um verdadeiro romancista, fazer com que desapareçam os pequenos defeitos que ainda surgem no livro: o excesso de regionalismo na linguagem, um abuso além do necessário para fixar a língua falada pelos homens do campo, certo tom grandiloquente em algumas páginas, principalmente nas finais, certo excesso de detalhes que por vezes prejudica a força de algumas cenas. Coisas mínimas, como se vê, ante o mundo de qualidades, ante a sólida vocação de romancista. [...] (AMADO. *Hora da Guerra*: 28 mar. 1944).

No entanto, Amado recomenda a leitura da obra do ex-colega de Faculdade, apontado como continuador dos compromissos assumidos pelo gupo do romance de 30:

[...] Em verdade, talvez nem um único verdadeiro romancista que continuasse os grandes aparecidos em 30. Ivan Pedro de Martins é que vem retornar do nosso romance e essa, sim, é uma estréia a louvar sem receio, na certeza de que um romancista surgiu. Porque sua força não decorre dos íntimos e pequenos sentimentos de uma vida isolada e artificial. Sua força surge da dor dos homens, do sofrimento desses camponeses gaúchos, da dolorosa condição de vida de uma coletividade. Sua força é força do povo, apaixonada e libertária. (AMADO. *Hora da Guerra*: 28 mar. 1944).

Conclusão

No ponto de vista amadiano, todos os povos envolvidos na luta contra as propostas agressoras dos países do *Eixo*, devem se prepararem para abrir e assegurar os caminhos para o exercício da liberdade.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. Hora da Guerra (A poesia também é uma arma). *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 31 dez. 1942.

AMADO, Jorge. Hora da Guerra (Um livro e um exemplo). *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 29 abr. 1943.

AMADO, Jorge. Hora da Guerra (A lição de Léon Blum). *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 19 maio 1943.

AMADO, Jorge. Hora da Guerra (Um romancista e um romance I O autor). *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 19 ago. 1943.

AMADO, Jorge. Hora da Guerra (Um romancista e um romance II O romance). *O Imparcial*, p. 3, 20 ago. 1943.

AMADO, Jorge. Hora da Guerra (Festa de um livro). *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 16 set. 1943.

AMADO, Jorge. Hora da Guerra ("Noite sem lua"). *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 21 nov. 1943.

AMADO, Jorge. Hora da Guerra (Em defesa da cultura). *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 2 mar. 1944.

AMADO, Jorge. Hora da Guerra ("Fogo morto"). *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 24 mar. 1944.

AMADO, Jorge. Hora da Guerra ("Fronteira agreste"). *O Imparcial*, Salvador, p. 3, 28 mar. 1944.

ⁱ Benedito José de Araújo Veiga
Doutor
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS